

**O mito de Apolo e Dafne em confluência com os aspectos da poesia árcade no soneto XIII, de Cláudio Manuel da Costa**

Isabella do Amaral Martins<sup>44</sup>

Millena Chaves Fortes<sup>45</sup>

Thaís Viégas de Pinho<sup>46</sup>

**RESUMO:** Este estudo parte de uma análise do Mito de Apolo e Dafne na obra *Soneto XIII* de Cláudio Manuel da Costa, inconfidente e poeta da Arcádia Brasileira. Além de compreender as suas principais características, trataremos um olhar sobre a influência das narrativas mitológicas sobre esse período de escrita da poesia brasileira. Dessa maneira, analisaremos a forma em que o poeta se vale do mito para expressar o seu descontentamento amoroso, como também as manifestações dos aspectos que são próprios de uma poesia árcade. Como procedimento metodológico, nos valem dos preceitos da Literatura Comparada, a qual realizamos um levantamento bibliográfico de estudos relacionados ao tema, como a de Junito Brandão com *O Mito de Apolo: Epidauro e o Oráculo de Delfos* (1987), os estudos de Melânia Aguiar em *O jogo de oposições na poesia de Cláudio Manuel da Costa* (1973) e a obra de Massaud Moisés a respeito da *A literatura brasileira através dos textos* (2012).

**Palavras-Chave:** Arcadismo; Mitologia Greco-Latina; Apolo e Dafne.

**ABSTRACT:** This study starts from an analysis of the Myth of Apollo and Daphne in the work *Soneto XIII* by Cláudio Manuel da Costa, an inconfidant and poet from the Brazilian Arcadia. In addition to understanding its main characteristics, we will take a look at the influence of mythological narratives on this period of writing Brazilian poetry. In this way, we will analyze the way in which the poet uses myth to express his romantic discontent, as well as the manifestations of aspects that are typical of Arcadian poetry. As a methodological procedure, we used the precepts of Comparative Literature, which carried out a bibliographical survey of studies related to the topic, such as that of Junito Brandão with *The Myth of Apollo: Epidauros and the Oracle of Delphi* (1987), the studies of Melânia Aguiar in the game of oppositions in the poetry of Cláudio Manuel da Costa (1973) and the work of Massaud Moisés regarding Brazilian literature through texts (2012).

**Keywords:** Arcadism; Greek-latin Mythology; Apolo and Dafne.

---

<sup>44</sup> Graduanda no curso de licenciatura Letras Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL. E-mail: isabellaamaralmartins84@gmail.com.

<sup>45</sup> Graduanda no curso de licenciatura Letras Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL.

<sup>46</sup> Mestre pelo Programa interdisciplinar em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão com bolsa Capes; Licenciada em letras com habilitação em espanhol pela Universidade Federal do Maranhão; Pesquisadora membro do grupo de estudo de paisagem em literatura – Geplit.

## INTRODUÇÃO

O Arcadismo, ou movimento árcade, foi um forte movimento estético literário difundido pela Europa no século XVIII, no mesmo período em que se desenvolveu a Revolução Industrial, sob forte influência do Iluminismo. Também conhecido por Setecentismo, ou Neoclassicismo, buscava-se reviver os valores estéticos do período clássico, mas principalmente, combater o ultrapassado modelo Barroco. Segundo estudiosos como Massaud Moisés (2012) a imitação dos modelos greco-latinos, é uma das primeiras características que configuram esse movimento. E para além disso, prezavam por tudo aquilo que havia sido deixado de lado na era barroca, como a louvação à vida simples, à natureza e as virtudes do espírito.

Nesse momento, o homem passa a se concentrar no campo como um ideal de vida, já que o Árcade tem a ver com a Arcádia, lugar de paz e tranquilidade que remete à Grécia antiga, onde os pastores vivem em uma sincera harmonia. Estes preceitos são muito bem expressos as figuras e metáforas que foram incorporadas ao Arcadismo, como o *fugere urbem*, a fuga da cidade para o campo, que remota os ideais dos poetas e escritores. Assim como, o *locus amoenus*, o lugar idealizado da vida serena, natural e bucólica. Contrapondo, assim ao luxo, as riquezas e ambições. O que nos leva a terceira figura, a *aurea mediocritas*, justamente essa oposição aos exageros e apreço pela simplicidade e tranquilidade da existência.

Retomando os Neoclássicos, os árcades se inspiraram nos modelos greco-latinos e renascentistas, a arte parte da imitação da natureza. O arcadismo no Brasil expressou as suas particularidades, ainda que incorporando os preceitos daquilo que migrou da Europa, houve características advindas do movimento incondente que acontecia naquele mesmo período. A literatura produzida no Brasil de 1768, era de natureza predominantemente poética, pastoril, mas que também versava com o sistema político e os interesses regidos pelo poder.

Figurava uma expressão poética corrente naquele tempo e era considerada uma forma de poesia regular. Expressava o encômio na poética brasileira por meio de gêneros específicos como o panegírico. A poesia da época era uma produção em conformidade com o poder político do Antigo Regime. Conforme Ivan Teixeira, é compreensível que houvesse essa integração entre discurso poético e o sistema do

regime político, já que a poesia residia numa forma de comemoração e reafirmação do poder. (Centurión, 2016, p.26).

Portanto, a caracterização da poesia árcade e o contexto no qual estava inserido o poeta Cláudio Manuel da Costa e as ideologias presentes e predominantes de alguns acontecimentos históricos, nos fazem compreender como os elementos árcades, as representações, a poesia bucólica e pastoril, a exaltação da natureza, a inquietação amorosa e platônica por Nize (sua musa mais frequente) podem ser pertinentes nas obras do autor.

Nascido em 5 de junho de 1729, na Cidade de Mariana-MG, Cláudio Manuel da Costa frequentou o Colégio dos Jesuítas no Rio de Janeiro e, posteriormente, em 1749, mudou-se para Coimbra para estudar direito. Após regressar para o Brasil, entre 1762 e 1765, Cláudio Manuel da Costa passa a trabalhar na secretaria do Governo da Capitania e, em 1768, publica suas obras poéticas, cujas tornaram-se um marco em sua carreira poética.

Ademais, Cláudio Manuel da Costa fez parte da Inconfidência Mineira e, conseqüentemente, foi preso, em seguida, no dia 4 de julho de 1789 quando comete suicídio por causa de uma profunda depressão. Diante disso, Cláudio deixou várias obras poéticas e entre elas estão: O poemeto épico *Vila Rica* (1839), *Obras Poéticas* (1903) que reúne todo seu arquivo literário e *O Parnasano Obsequioso* (1931). Neste estudo, debruça-se sobre o Soneto XIII, com a finalidade de discutir tanto os aspectos árcades presentes em sua poética, como também a persistência do mito de Apolo e Dafne como modelos da tradição clássica.

### **A relação entre o mito e o soneto**

A imitação de outros poetas no processo de criação poética perdurou perpassa por movimentos estéticos literários como o Classicismo, Barroco, Arcadismo e ao longo da tradição clássica. Até sofrer uma ruptura pelos interesses do movimento romântico, que rompe com os preceitos da imitação. O fazer poético estava associado à imitação (*imitatio*), ou seja, quanto mais fontes o texto se recorria aos clássicos, maior seria o seu valor literário. Beber de uma fonte significava conhecimento e assimilação dos poetas

modulares, segundo Dantes, uma forma de atingir a perfeição da criação poética. Vejamos:

Contudo, distingue-se dos grandes poetas, isto é, dos sujeitos a normas, porque aqueles compuseram os seus poemas em língua notável e com arte normativa, enquanto estes o fazem apenas sujeitos à causalidade, como já se disse. Precisamente por isto, acontece que, quanto mais fielmente os imitamos, com maior correção fazemos as nossas poesias. (Dante, 1982 *apud* Santos, 2016).

A tradição clássica nos modelos da imitação parte do princípio de que os grandes poetas são todos aqueles que produziram em língua notável e com um parâmetro de arte a qual o autor chama de normativa. Estes serviam não só como modelos, moldes, aos escritores e poetas, mas também como uma espécie de “correção” ao fazer poético. Sendo assim, quanto mais fiel fosse a imitação nos textos poéticos, maior seria a correção desses textos. Isto significa que mais adequado aos quesitos da normativa artística ele estaria de alcançar.

Adentraremos à obra de Cláudio Manuel da Costa e, desse modo, é bastante relevante destacar que esta obra poética está aberta para várias concepções com base nos estudos literários da Literatura comparada. Na Mitologia grega, Apolo era um dos deuses greco-latinos que se representavam como a divindade solar, sendo alto, formoso e muito belo e, também, é visto como a divindade da juventude e da luz e através da sua beleza e das suas habilidades, ele era desejado tanto por mulheres quanto por homens. “Muitas foram as vitórias e os fracassos amorosos do deus Sol e a lista poderia ser ainda grandemente ampliada.” (Brandão, 1987, v.2, p.88).

O mito do deus Apolo e da ninfa Dafne, aborda como o deus do sol grego foi induzido a se apaixonar por uma ninfa ao ser atingido por uma flecha de ouro do deus Eros, que também acertou Dafne com uma flecha de chumbo e faz a ninfa não corresponder ao amor de Apolo. Apolo, porém, começou a persegui-la e ela se sentiu horrorizada ao pensar em amar, preferindo caminhar pelos bosques e caçar.

Foi assim que, apesar da beleza de Apolo, a ninfa não lhe correspondeu aos desejos, mas, ao revés, fugiu para as montanhas. O deus a perseguiu e, quando viu que ia ser alcançada por ele, pediu a seu pai Peneu que a metamorfoseasse. O deus-rio atendeu-lhe as súplicas e transformou-a em loureiro, em grego δάφνη (daphne), a árvore predileta de Apolo. (Brandão, 1987, v.2, p.87).

Nesse viés, enquanto Apolo permaneceu engajado a perseguir e suplicar pelo amor de Dafne, que extasiada pela flecha de Eros se recusava a se aproximar dele,

devastado pelo amor não correspondido, após Apolo testemunhar sua transformação torna-a sua árvore sagrada, trazendo-a sempre consigo em um ramo de louros. Uma das características do Arcadismo era preservar, resgatar e utilizar como referência alguns elementos da mitologia clássica e as suas inúmeras figuras mitológicas. Sendo assim, realizamos uma análise metodicamente crítica, entre o soneto XIII de Cláudio Manuel da Costa e o mito greco-latino de Apolo e Dafne, efetuando uma analogia como recurso literário para as similaridades presentes em ambos.

### SONETO XIII

Nise? Nise? Onde estás? Aonde espera  
Achar-te uma alma, que por ti suspira;  
Se quanto a vista se dilata, e gira,  
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah se ao menos teu nome ouvir pudera  
Entre esta aura suave, que respira!  
Nise, cuidado, que diz; mas é mentira.  
Nise, cuidei que ouvia; e tal não era.

Grutas, troncos, penhascos da espessura,  
Se o meu bem, se a minha alma em vós se esconde,  
Mostrai, mostrai-me a sua formosura.

Nem ao menos o eco me responde!  
Ah como é certa a minha desventura!  
Nise? Nise? onde estás? aonde? aonde? (Moisés, 2012, p.92)<sup>47</sup>

Portanto, assim como no mito citado anteriormente, em que a divindade solar persegue de forma obsessiva, pois anseia por achar a ninfa amada. No soneto de Costa, é notório a presença do descontentamento amoroso conforme no primeiro verso da segunda estrofe "Ah se ao menos teu nome ouvir pudera" pois além de clamar pela sensação de ouvir seu nome, ele expressa o anseio e o incontentamento pela ausência de Nise. Em sequência, no último verso da quarta estrofe "Nise? Nise? onde estás? onde? onde?" o eu-poético novamente questiona onde ela se encontra e destaca novamente a sua busca incessante para encontrar sua estimada.

---

<sup>47</sup> O Soneto de Cláudio Manoel da Costa foi encontrada e analisado através da obra de Massaud Moisés *A literatura brasileira através dos textos* (2012), por esses motivos, a citação do texto está referenciada com o nome do autor da obra e não do poeta.

Com base nessa concepção, é de suma importância ressaltar que apesar de ocorrer de formas diferentes, tanto no mito quanto no soneto citado, Cláudio Manuel da Costa realiza uma comparação e utiliza uma das características árcades que é o caso do descontentamento amoroso com intuito de expressar um sentimento de insatisfação e frustração do eu-lírico para encontrá-la, utilizando como referência alguns elementos e duas figuras da mitologia clássica com intuito de aperfeiçoar e expressar as emoções e pensamentos expostos ao decorrer do poema.

Nessa perspectiva, é relevante abordar os aspectos bucólicos presentes no soneto em questão, visto que esses pontos são uma característica predominante no Arcadismo. As musas da mitologia grega eram ninfas que representavam elementos da natureza e Dafne era a filha do rio-deus Peneu, isto é, ela era a ninfa da natureza, assim sendo, há uma ligação desse fato com os aspectos bucólicos do Arcadismo, outrossim, as ninfas tinham como habitat as fontes, lagos, riachos, rios, florestas, bosques e montanhas e, nesses lugares, viviam livres e independentes.

Dessa forma, no soneto é perceptível a presença do bucolismo na terceira estrofe em "grutas, troncos, penhascos da espessura", nesse sentido, relacionando os aspectos bucólicos com a mitologia greco-latina referenciada por Cláudio Manuel da Costa, é notório que a amada (Nise) foge e tenta se esconder do eu lírico com o intuito de não querer esse amor conforme citado anteriormente.

Logo, por ser um atributo de suma importância no movimento árcade, Cláudio Manuel da Costa enriquece seu poema abordando a analogia entre o mito citado e o soneto, uma vez que esse mito traz aspectos da natureza, como, por exemplo, árvores e ramos, diante disso, a relação existente entre ambos é bastante relevante para a obra de um poeta árcade, pois uma das particularidades do Arcadismo é a valorização e a busca pela vida no campo.

Diante disso, partindo do fato de que cada poeta possui seu estilo peculiar para criar obras poéticas, atentaremos à estética utilizada por Cláudio Manuel da Costa, sobretudo, no que concerne ao soneto mencionado. Em tal caso, no primeiro verso da quarta e última estrofe é dito o seguinte: "Nem ao menos o éco me responde", nesse sentido, Cláudio Manuel da Costa sugere ao leitor uma sensação de solidão e quietude em que nada se ouve e isso prevalece no poema, haja vista que o eu poético chama por Nise e ela não o responde. Por tratar-se de um estilo próprio do poeta, essa sensação de

solidão e silêncio são bastante comuns na poesia de Cláudio Manuel da Costa e está presente não só nesse soneto, mas também em outras obras e essa ideia de solidão e quietude nos transmite a sensação de que o eu poético busca excessivamente por alguém e não obtém nenhuma resposta.

Por conseguinte, o poeta representa tanto a solidão quanto o silêncio como um isolamento que ocorre mesmo sendo em um ambiente natural/bucólico, onde se busca o consolo e, também, Cláudio traz essa impressão da solidão como uma "mudez" que acontece para enfatizar o isolamento em que vive o eu lírico.

### **Considerações finais**

Destarte, este ensaio crítico destaca a importância da abordagem mitológica clássica ser uma das características dos poemas árcades utilizada como referências por alguns poetas, visto que em algumas circunstâncias os aspectos mitológicos representam os sentimentos dos poetas ou determinados acontecimentos, em vista disso, Cláudio Manuel da Costa faz uso da figura mitológica analogicamente com a finalidade de estabelecer uma relação com os predicados presentes no Arcadismo e, conseqüentemente, em sua obra.

Desta maneira, é evidente que essa relação entre ambos deixa a obra do poeta rica em detalhes, pois situa-se como uma dimensão da mitologia greco-latina utilizada na época para realçar ideias que precisem de comparação, que em muitos momentos, necessita de conectivos para explicar o que sente, quando sente e porque sente dependendo da intenção poética. Então, levando em conta que Cláudio Manuel da Costa retoma as faces dos Clássicos, compreendemos o porquê ele retrata em seu *Soneto XIII* os traços do movimento árcade em consonância com o mito de Apolo e Dafne.

### **REFERÊNCIAS**

AGUIAR, Melânia Silva de. **O jogo de oposições na poesia de Cláudio Manuel da Costa**, 1973. p.134. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1973.

ALVES, Igor. Significados. **Características do Arcadismo**. Significados [S. 1.]. 2021. Disponível em: <https://www.significados.com.br/caracteristicas-do-arcadismo/>. Acesso em: 26. Jun. 2023.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1987. (volume II)

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2015.

CENTURIÓN, Pedro Guaglicano. **As naturezas nos sonetos de Cláudio Manuel da Costa**. Dissertação. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 209 p. 2016.

CHAMMA, Gladston Jafet. **Apolo e Dafne: uma história de amor não correspondido**. Jafet Numismática: São Paulo, [S. a.]. Disponível em: <https://jafetnumismatica.com.br/apolo-e-dafne>. Acesso em: 25 jun. 2023.

MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. 29 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. 33 ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

PEREIRA, Renata Gonçalves. **Ninfas, quem foram? História e importância para a mitologia grega**. Segredos do Mundo: [S. 1.], 2023. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/ninfas-mitologia/>. Acesso em: 30 jun. 2023.

SANTOS, Rui Manuel Formoso Nobre. **Nada se perde, tudo se transforma: a imitação dos modelos como princípio de criação artístico-literária**. Revista Investigações, Pernambuco, v.29, n.1, jan.2016.